

CONSTRUINDO IMAGINÁRIOS: REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO PARA PROMOÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Maria Aurislane Carneiro da Silva ¹
Deborah Norberto Pinto ²
Jacquicilane Honorio de Aguiar ³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o uso das representações enquanto ferramentas de ensino a partir das linguagens transmitidas pelo cinema e pelo teatro, estabelecendo uma análise comparativa entre as atividades desenvolvidas em duas escolas que integram a Rede Básica de Ensino da cidade de Fortaleza - CE, com turmas do 9º ano do ensino fundamental II da Escola Patronato Sagrada Família e de 7º ano do ensino fundamental II da Escola Municipal Santos Dumont. O teatro e o cinema são expressões artísticas que representam o espaço geográfico e oferecem interpretações e mobilizam a imaginação dos mais diversos públicos, facilitando a representação de imagens e situações cotidianas ou externas às suas realidades locais, sendo, portanto, ferramenta essencial para a produção do ensino e aprendizagem em geografia. Desse modo, a execução e reflexões promovidas nas atividades se mostram relevantes à medida que contribuíram na promoção da compreensão e aproximação do conteúdo geográfico com os alunos, frente à utilização da representação e da ludicidade, além de ser uma sugestão de aprimoramento do ensino de geografia perante os múltiplos contextos escolares brasileiros.

Palavras-chave: Representação, Teatro, Cinema, Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

A busca por uma ação educativa em sala de aula que não se revele apenas como reprodutora dos conteúdos curriculares perpassa a reflexão da interdisciplinaridade, a qual vem sendo discutida na contemporaneidade. Essa construção do conhecimento deve considerar a intersubjetividade dos sujeitos envolvidos na construção do conhecimento (professor e aluno), nas formas de captação de informações, interpretações e ressignificações realizadas por estes, associado ao exercício contínuo do pensar sobre algo, assim como Freire (1996) sugere afirmando que pensar também é um exercício.

Esse exercício perpassa o conhecimento e entendimento do cotidiano dos alunos, para que o processo de aprendizagem seja significativo. Daí a importância das representações como “uma forma de compreender a “teia da Vida” em suas múltiplas relações entre o real e os atores sociais, considerando o educando como agente social que interage na organização espacial” (KOZEL, 2008, p. 73).

¹ Graduada do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará- UFC, aurislanemcsilva@gmail.com;

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da UFC, deborahnoberto@gmail.com;

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da UFC, jacquicilane@email.com;

Pensar os conceitos geográficos exige do aluno imagens do dia-a-dia, em seus diferentes momentos. As imagens mentais que obtemos de nossa relação com o mundo podem ser armazenadas para constituição da memória e analisadas pela nossa reflexão. Assim, transformam-se numa bagagem de conhecimento, experiência e afetividade. (COSTA, 2005). Além disso, os conteúdos geográficos são apresentados a partir do espaço em que os alunos vivem e na sua relação com o modo de vida e com a cultura do grupo social, ressaltando suas identidades, pois “buscar a compreensão da realidade em suas múltiplas dimensões incide nas condições e formas de um “fazer geográfico” que se manifesta em signos e linguagens” (KOZEL, 2008, p. 73).

É nesse contexto acerca das diferentes linguagens para promoção do ensino de geografia que construímos nesse trabalho uma reflexão sobre a representação enquanto ferramenta em sala de aula, considerando as linguagens artísticas e audiovisuais como possibilidade de compreensão não apenas dos conteúdos curriculares, mas também da sua realidade, frente a multiplicidade de informações que chegam aos educandos, pois

com as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, como a banalização da informação, a revolução digital, da nova política, da nova economia e dos desequilíbrios familiares, torna-se necessário que o professor faça dos conteúdos habituais de suas disciplinas instrumentos com o intuito de estimular todas as inteligências de seus alunos. (ANTUNES, 2002, p. 47)

Tal reflexão se faz importante para o desenvolvimento dessas inteligências, pois devemos considerar uma variedade de aspectos que podem ser desenvolvidos a partir da utilização de outras linguagens no processo de aprendizagem, como propõe Costa (2005) a partir da linguagem artística. A mesma pode proporcionar uma sala de aula diferenciada, dispensando os termos técnicos e enfatizando os termos da experiência e inovação, devido a ser atribuído a este o real processo de significação das coisas por meio da arte, onde o sujeito passa internamente pela estimulação, elaboração e respostas, considerando os aspectos emocionais de cada um, utilizando-se também da imaginação, frente ao caráter abstrato da geografia em alguns conteúdos.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é refletir sobre o uso da representação enquanto ferramenta de ensino a partir de linguagens artísticas como a teatralidade e o cinema, estabelecendo uma análise comparativa das atividades desenvolvidas em duas escolas que integram a Rede Básica de Ensino da cidade de Fortaleza - CE, com turmas do 9º ano do ensino fundamental II da Escola Patronato Sagrada Família e de 7º ano do ensino fundamental II da Escola Municipal Santos Dumont. As atividades se mostraram importante na promoção

de uma melhor compreensão e aproximação do conteúdo geográfico com os alunos, frente a utilização da representação e da ludicidade, facilitando o processo de aprendizagem. As intervenções também se revelam como uma tentativa de tornar o conteúdo mais real e palpável, proporcionando uma proximidade maior do cotidiano dos alunos com as questões levantadas pelo livro didático.

O TEATRO E O CINEMA COMO REPRESENTAÇÕES PARA O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Pensar em uma Geografia das Representações envolve considerá-la enquanto forma de compreender as práticas espaciais a partir da integração das representações constituídas pela sociedade e pelos indivíduos (KOZEL, 2008). Essa percepção muitas vezes perpassa a necessidade de recorrer às imagens mentais que os indivíduos têm, no nosso caso os educandos, acerca do seu cotidiano. O acesso às mídias digitais, internet, jogos online e televisão contribuem no processo de construção dessas imagens pelos alunos, nem sempre interferindo de maneira positiva no mesmo. Esse papel de projeções socioespaciais a partir da memória colabora no entendimento de atividades que demandem a composição da subjetividade que se apresenta na relação entre realidade e imaginação, como no caso das representações teatrais, pois apesar de usar como material a realidade concreta na elaboração de suas histórias e roteiros, ainda se faz necessária o papel da imaginação para projetar as emoções do público.

Segundo Desgranges (2005), a imaginação desempenha uma função fundamental na constituição de representações teatrais, que vai desde a preparação dos personagens até a efetivação da relação entre ator e plateia. Assim, o autor destaca a importância da linguagem e dos elementos que compõem o processo da construção teatral como a sonoridade e os objetos cênicos, que colaboram no processo de conexão entre público e plateia. Para que esse pacto da experiência compartilhada ocorra, os alunos precisam construir seus roteiros de forma dinâmica e acessível, o que exige deles um trabalho de pesquisa e colaboração mútua na construção do entendimento das realidades geográficas propostas a encenação, fortalecendo a consolidação dos conteúdos trabalhados.

Pensar essa composição em sala de aula requer também uma flexibilização, como propõe Bula e Aguiar (2009), pois “o teatro não precisa de palco, cortina, iluminação ou maquiagem, se uma pessoa conta uma história para a outra, que se envolve e se emociona, temos a essência do teatro” (2009, p. 5). Nesse sentido, a linguagem se destaca enquanto elemento fundamental para compreender os temas e problemáticas propostos para o

entendimento dos elementos geográficos a partir das expressões artística. Sobre essa linguagem, Kozel (2008) afirma que:

o ser humano, sua consciência e cultura são únicos em sua identidade, todavia, são produtos incorporados de outras consciências, outras culturas, mediadas pela comunicação que se instala no centro das relações. É dessa forma, portanto, que os discursos ao serem incorporados se constituem em signos que se transformam em enunciados ou representações nas diferentes formas de linguagem. (2008, p. 75)

Na trilha de compreender a contribuição do teatro na sala de aula a partir de elementos como a linguagem, imaginação e memória, também encontramos na dimensão audiovisual, trabalhada aqui a partir do cinema, como ferramenta que compõe o processo da teatralidade pensando na criação e representação de narrativas. Sobre essa perspectiva, Oliveira Jr (2005) afirma que a produção no cinema são:

construções imaginativas e interpretativas que se dão numa “região nebulosa” em que os universos culturais das pessoas são sugados para o interior da narrativa fílmica e está ao interior desses universos culturais. Condensação de imagens: memórias adensadas em torno de sentidos, sentidos adensados em torno de imagens. (2005, p. 28).

A partir dos elementos descritos pelo autor, é possível perceber uma riqueza maior quanto às possibilidades narrativas correlacionadas ao entendimento do espaço geográfico e dos demais conceitos que compõem a geografia, como os territórios, paisagens, os movimentos, e as metáforas que emanam desses espaços simbólicos que compõem o ambiente fílmico (OLIVEIRA JR, 2005). Isso não significa que na teatralidade esses elementos sejam menos favorecidos, pelo contrário, ressalta-se a possibilidade de trabalhar a imaginação criativa dos alunos, entendendo a sala de aula em sua essência como espaço que estabelece o pacto teatral cotidianamente a partir das relações estabelecidas entre aluno e professor. Desse modo, a própria estruturação de uma sala de aula pode também ser pensada como um cenário onde:

o enredo se constrói a partir do cotidiano escolar, dos rituais ali praticados, das dificuldades encontradas, dos conflitos resultantes do não cumprimento de regras e dos confrontos culturais estabelecidos pela carga cultural que cada personagem traz para aquele espaço (SILVA, 2018, p. 7).

Assim, a construção do conhecimento geográfico também se dá na dimensão da troca de experiências, vivências e elementos culturais que compõem cada um dos indivíduos presentes em sala de aula, onde a compreensão dos conteúdos perpassa não apenas a dimensão global, mas também a dimensão individual que cada um dos alunos carrega.

Pensando de que forma a geografia pode ser trabalhada a partir das expressões artísticas, Oliveira Jr. (2005) reflete sobre o desvelamento dos elementos geográficos a partir

das imagens, pois segundo ele o conhecimento será estabelecido a partir do encontro entre as imagens e o que existem nos sujeitos. Dessa forma, “as imagens e sons filmicos “sugam” /mobilizam certas memórias em seu “entendimento”, e ao mesmo tempo que o faz cria, em imagens e sons, memórias do mundo e da existência” (2005, p.29).

Nesse sentido, os elementos visuais assumem grande relevância na Geografia escolar, tendo em vista que o estudo do espaço geográfico é cercado do uso de imagens. Portanto, a utilização de representações é indispensável para a compreensão da realidade geográfica, tornando-se uma aliada no processo de aprendizagem. Além disso, pode ser utilizada para tornar o ensino mais lúdico, conforme aponta Marquez (2006) ao afirmar que

“A imagem é um elemento recorrente da Geografia. Ela não é exatamente a realidade do espaço, é apenas a manifestação deste, uma representação efêmera e aberta. Sua complexidade nos obriga a tecer cruzamentos com outras áreas do conhecimento, tais como as artes literárias, as artes plásticas, a filosofia da percepção e a fisiologia do olhar e compreender. (MARQUEZ, 2006, p.11)

Portanto, as representações utilizadas pelo professor em sala de aula podem ser feitas de diversas formas, com a utilização de elementos que se agreguem ao conteúdo em sala de aula. Na associação do cinema com a Geografia ressalta-se a imagem, o som e o movimento. Para além dessas características, outra importante função apontada por Barbosa (2008) é a ludicidade, pois para ele “a ludicidade dos filmes possui uma característica muito própria: a imagem está em movimento. Assim, a vida representada na tela (a)parece mais próxima da nossa realidade” (2008, p. 111). Já na associação entre teatralidade ressalta-se a linguagem, a imaginação e a interação, onde público e plateia “chocam os ovos da experiência” (DESGRANGES, 2005) ao escutar, correlacionar e compreender e ressignificar a problemática apresentada a partir de um enredo. Assim, ambos se mostram ferramentas com seus potenciais no processo de construção do conhecimento em sala de aula a partir da didatização de representações do espaço geográfico a partir das artes em sala de aula.

ENSINO APRENDIZAGEM A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES FÍLMICAS

As atividades a partir das representações fílmicas foram realizadas com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II do ensino básico municipal de Fortaleza - CE. Seguindo a sequência do cronograma letivo, o conteúdo abordado foram os elementos que compõem a região norte. Dessa forma, foram selecionados dois filmes, um curta-metragem e um filme de animação de longa-metragem, apresentados em duas horas aulas.

O primeiro filme foi o episódio oito da série de animação *Brasil Animado*. Nessa série é feita a apresentação de alguns estados brasileiros de forma didática, onde dois personagens apresentam um estado por episódio, falando sobre suas principais características naturais e sociais. No episódio escolhido é apresentada a Amazônia, caracterizando a sua natureza e história. Além disso, foram apresentadas as suas tradições e os povos que vivem na região. Os personagens fazem na animação uma conscientização sobre a importância dessa região para todo o país, com imagens que se misturam entre fotografias reais e animações. A escolha do curta se motivou não apenas pelo fato da animação apresentar os elementos de forma lúdica, mas também por demonstrar sua importante função dentro do nosso país, tanto em relação a vegetação como também aos recursos hídricos. A imagem abaixo mostra a realização desse momento:

Imagem 1: Exibição do curta metragem



Fonte: PINTO, 2017.

O segundo filme apresentado foi o curta-metragem brasileiro *Amazônia adentro*, onde a Amazônia é apresentada numa perspectiva ambiental, ressaltando o potencial que a região Amazônica representa para o Brasil. O curta é apresentado pelos povos indígenas da região, que mostram a partir da sua visão como a floresta é importante para a manutenção dos povos tradicionais, além de ressaltar a ligação vital e simbólica desses povos com a terra.

Na última parte foram mostrados trechos do filme *Rio 2*, uma produção norte-americana que conta a história da família de uma arara azul que deseja voltar para o seu habitat natural, a floresta amazônica. No filme são mostradas algumas espécies da floresta amazônica, além da questão ambiental em torno do desmatamento e a importância da conservação das espécies.

Na aula seguinte foi realizada uma discussão em torno dos filmes e de como eles estavam associados com os conteúdos abordados. Os alunos relataram algumas considerações a respeito do filme, além da avaliação da atividade. A maioria das falas demonstraram que a relação estabelecida pelos alunos foi principalmente nos temas como desmatamento e biodiversidade da Amazônia, ressaltando a necessidade do manejo consciente, além das diferentes espécies animais e vegetais presentes na região. No último momento de intervenção, os alunos foram instruídos a construir representações por meio de desenhos dos filmes assistidos, além de explicarem a associação dos desenhos/ filmes / conteúdos. Por fim, os alunos colocaram seus desenhos para exposição no espaço criativo da sala de aula, como pode ser observado a imagem a seguir:

Imagem 2: Exibição do curta metragem



Fonte: PINTO, 2017.

Durante a exibição dos filmes foi possível perceber que os alunos se mostraram interessados pela composição de imagens, seja ela animação ou não, tanto pela ludicidade como também pela construção do imaginário da região, que por vezes se limita a exposição do professor ou mesmo as fotografias estereotipadas que são utilizadas nos livros didáticos do ensino fundamental, que ressaltam a imagem de uma região que, apesar de diversa, se destaca apenas pela floresta tropical.

ENSINO APRENDIZAGEM A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES TEATRAIS

As atividades a partir do Teatro foram desenvolvidas com alunos do 9º ano do ensino fundamental II do ensino básico estadual de Fortaleza – CE. Considerando a sequência do cronograma de conteúdos letivos, a sequência de regências abordadas foi em torno da

temática “África: marcas do passado, desafios do presente”. Assim, foram trabalhados os elementos naturais, históricos, econômicos e culturais do continente africano, ressaltando sua diversidade quanto a esses aspectos buscando a desmistificação de uma África que ressalte apenas aspectos negativos relacionados a pobreza, além de fortalecer os elementos africanos que colaboraram na formação e no fortalecimento do Brasil. Esses elementos perpassaram tanto a cultura como a religião presentes na formação do povo brasileiro.

Dessa forma, as encenações teatrais propostas tinham como foco central as inter-relações existentes entre Brasil e África diante do contexto histórico de correlação entre ambos. Assim, após a discussão da temática, os alunos foram orientados a elaborar textos que expressassem o entendimento do grupo acerca das relações entre Brasil e África, que posteriormente servissem de base para constituição de um roteiro que norteasse a apresentação teatral. Nesse sentido, os aspectos a serem trabalhados nas produções dos enredos deveriam abarcar os elementos históricos, ambientais, socioculturais e econômicos.

Foram montados dois enredos teatrais, em torno de diferentes temáticas. A primeira tratou das relações amorosas que ocorriam entre escravos e seus “senhores”, ressaltando elementos como a capoeira na composição das cenas, ressaltando a inserção da cultura africana no Brasil. Além disso, as cenas demonstravam as marcas desse período através do racismo no ambiente escolar. A segunda equipe teve como enredo situações de racismo vivido cotidianamente através de cenas que retratavam o medo que mulheres sentem de homens negros na rua, pela disseminação de estereótipos ligados a modos de comportamento e vestimentas frequentemente associadas a situações de roubo. Além disso, o enredo também abarcava cenas que retratavam mulheres brancas que não se sentiam confortáveis nos mesmos lugares que mulheres negras. Algumas imagens dessas apresentações podem ser vistas abaixo:

Imagem 3: Apresentações teatrais



Fonte: SILVA, 2018.

Após as apresentações, foram discutidos os temas que mais se destacaram nas encenações promovidas pelas equipes, buscando uma reflexão a partir das atividades. Os pontos mais destacados foram relacionados ao período da escravidão, aos episódios recorrentes de preconceito racial, a relação presente entre os aspectos religiosos, dentre outros. Apesar das apresentações, em sua maioria, ficaram limitadas as problemáticas do período colonial, as mesmas se fizeram importantes para promover a reflexão de como esses aspectos históricos continuam interferindo na sociedade atual através de reverberações que muitas vezes ocorrem de forma sutil, justamente pela ideia do mito racial, pensando o Brasil enquanto uma população miscigenada que por vezes não se propõe a desvelar os problemas estruturais presentes na estrutura brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos conteúdos trabalhados estarem em eixos temáticos diferentes, encontramos o fio condutor à medida que ambas possuem em certa medida imagens que cristalizam sua representação em torno de um símbolo único, como a associação direta entre região amazônica/floresta, e África/escravidão. Aliar o trabalho desses conteúdos geográficos com a utilização de imagens, sejam elas construídas na composição fílmica ou projetadas pelos próprios alunos nos enredos teatrais exigiram dos mesmos a reflexão e análise que ultrapassasse a mera caracterização, abrindo para a discussão de problemáticas.

Dessa forma, refletir sobre essas temáticas são fundamentais para a formação dos alunos enquanto possibilidade de despertar uma consciência cidadã que abarque tanto as questões ambientais como também política e social. A partir do teatro, os alunos puderam refletir sobre aspectos da cultura africana que destacassem a importância da religiosidade e de suas práticas para a própria formação religiosa do Brasil, que incorporou no sincretismo religiosos diversos elementos, e que ainda hoje é alvo de discriminação e de ações que desrespeitam e minimizam sua importância. Da mesma forma, pensar as problemáticas da região amazônica elencando questões que ultrapassem a grandiosidade da floresta tropical, alertando para problemáticas latentes que envolvem hoje a ação das madeiras, da mineração e o avanço constante da fronteira da soja, bem como as áreas de pasto da agropecuária. É válido ressaltar que as comunidades tradicionais enfrentam cotidianamente essas intervenções que além de contribuírem negativamente para o equilíbrio da região, desrespeitam o direito dos povos tradicionais a demarcação das terras indígenas, luta essa que já causou a perda de diversas lideranças indígenas.

Essas questões, apesar de representarem uma ação pontual no cotidiano escolar, proporcionam rupturas no processo de ensino pautado no livro didático. Entretanto, se faz importante ressaltar a necessidade de continuidade de intervenções que utilizem outras linguagens, como a linguagem artística, para maior efetividade da aprendizagem e promoção de um ensino de geografia mais criativo e lúdico, contribuindo no desenvolvimento dos educandos.

Assim, além da promoção da ludicidade e do uso de outras estratégias que promovam a aprendizagem em sala de aula, também foi possível desenvolver uma reflexão crítica dos conteúdos, utilizando as representações e o imaginário construído pelos alunos no seu cotidiano como ferramenta para desmistificar a realidade que está posta. É claro que precisamos compreender as limitações estruturais e organizacionais que existem hoje no ensino público, bem como a própria ausência de possibilidade de flexionar o currículo escolar para inserção de atividades que fujam do “tradicional”. Portanto, é possível pensar novas estratégias que dinamizem a sala de aula e levem os alunos a chocar os ovos da experiência, como propõe Desgranges (2005), pois mais do que reproduzir conteúdos geográficos, se faz necessário promover a reflexão e desmistificação da realidade posta, conduzindo aos alunos ao desenvolvimento de um olhar que consiga ver além das imagens superficiais que são intencionalmente impostas para nós pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar. Novas maneiras de aprender.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARBOSA, Jorge Luis. Geografia e Cinema. In CARLOS, Ana Fani (Org). **A Geografia na Sala de aula.** São Paulo: Ed. Contexto, 2008 (p. 109-133)

BURLA, Gustavo. AGUIAR, Valéria Trevizani Burla de. **O Teatro e o Ensino de Geografia.** In: 10º ENG. 2009.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias.** São Paulo: Cortez, 2005.

DESGRANGES, Flávio. **Quando teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço.** Caminho das Artes. São Paulo: Secretaria da Educação, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JR., Wenceslao Machado de Oliveira. **O que seriam as geografias de cinema?**. Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 27-33, dez. 2005. ISSN 1809-8150. Disponível em: <[http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article /view/8276](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/8276)>. Acesso em: 15 ago. 2019.

KOZEL, Salete. Representação e ensino: aguçando o olhar geográfico para os aspectos didáticos pedagógicos. In: SERPA, A., org. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 69-89. ISBN 978-85-232-1189-9.

MARQUEZ, Renata Moreira. Arte e Geografia. In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca; COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. **Imagens Marginais**. Natal: EDUFRN, 2006. p. 11-22. Disponível em: <<http://geografiaportatil.org/files/arte-e-geografia.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

SILVA, Maria Aurislane Carneiro da. **Geografia em cenas e cenários: O teatro como promotor do ensino e aprendizagem em geografia**. In: VII Encontro Nacional das Licenciaturas - ENALIC. Anais ENALIC, V. 1, 2018, ISSN 2526-3234. Disponível em <[http://www.editorarealize.com.br /revistas/enalic/trabalhos/443-49671-30112018-190614.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/enalic/trabalhos/443-49671-30112018-190614.pdf)> Acesso em: 15 ago 2019.